

TÂNIA MEINERZ/JC



Professor, crítico literário, escritor e gestor público, Sergius Gonzaga é uma das mentes fundamentais da intelectualidade gaúcha

Aires, Montevideu, Havana ou a uma sala de aula em Porto Alegre. Há prateleiras inteiras reservadas aos mestres, aos amigos, aos alunos e às figuras públicas que passaram pelos projetos que organizou. Quando fala de si, Gonzaga quase sempre começa por puxar outra pessoa ou outros livros.

Nascido em Taquara, Sergius Gonzaga chegou a Porto Alegre no início dos anos 1960 para continuar os estudos. Na Capital, encontrou colegas com quem podia trocar livros e indicações e se apaixonou pela literatura. Ele próprio descreve a transformação com alguma dureza: “Eu cheguei um menino tosco aqui em Porto Alegre”, diz. Professores, amigos e circunstâncias fortuitas foram ampliando seu repertório. Cada indicação funcionava como uma nova passagem. A mesma dinâmica apareceria mais tarde em suas aulas: apresentar um livro, oferecer uma bibliografia e esperar que o estímulo despertasse no aluno uma vontade própria de se aproximar da literatura.

Os livros também serviram para Sergius compreender a política e a cidade. Ainda menino, acompanhou o pai em uma mobilização da Campanha da Legalidade. Já morando em Porto Alegre, testemunhou o ambiente que antecedeu o golpe de 1964 e viu os efeitos da ditadura atingirem a própria família. A experiência política, a formação universitária e a convivência com diferentes gerações de intelectuais compuseram um olhar que nunca separou inteiramente literatura, história e vida pública.

Ao longo da conversa, ele se corrige, volta atrás e avança novamente. Diz que se perde, embora sempre saiba onde as digressões (sempre interessantes) vão chegar. O fio que une as histórias é abastecido pela mesma paixão que orientou sua atividade como professor: a crença de que ensinar literatura não consiste apenas em explicar um texto, mas em demonstrar que se gosta do ato de ensinar, de ler, de contar.

Leia mais na página central

Reportagem Cultural

Uma biblioteca chamada Sergius Gonzaga

Rafael Gloria, especial para JC

O livro estava aberto debaixo da carteira da sala de aula. No antigo Colégio Anchieta, onde ainda havia muitos padres entre os professores durante a década de 1960, o então aluno Sergius Gonzaga tentava ler sem chamar a atenção. Era *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, autor que o adolescente recém-chegado a Porto Alegre acompanhava com entusiasmo: havia ali cor e vida em uma intensidade pouco compatível com a disciplina de um colégio religioso da época. O professor se aproximou por trás e perguntou o que

ele estava lendo. Gonzaga mostrou a capa. “O senhor não sabia que esse autor não é permitido aqui?”, recebeu como resposta.

Foi chamado à direção. A punição veio: três dias de suspensão para que aprendesse a não ler “autores imorais”. O castigo produziu o efeito contrário. Longe das aulas, o estudante ganhou exatamente o que precisava para avançar pelas centenas de páginas do romance. “Tudo o que eu queria era tempo para ler”, recorda. Mais de seis décadas depois, a história ainda o diverte. Também parece conter um elemento importante de sua trajetória: a literatura

como descoberta.

É difícil não falar de Sergius Gonzaga quando se fala em cultura na cidade de Porto Alegre. Professor de literatura, crítico, editor, gestor público e agitador cultural, ele ajudou a formar gerações de leitores em colégios, cursos pré-vestibulares e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), onde atuou como professor no Instituto de Letras, até 2023. Participou da criação do famoso pré-vestibular Unificado e do Colégio Leonardo da Vinci, dirigiu a Editora da Ufrgs, esteve à frente do Instituto Estadual do Livro e comandou a Secretaria Municipal da Cultura de

Porto Alegre. Criou ainda projetos de formação, jornais, cursos, festivais e espaços de debate que aproximaram estudantes de escritores, cineastas, músicos, intelectuais e personagens da vida política brasileira.

Atualmente, ele é coordenador do Livro e Literatura de Porto Alegre, um cargo importante que ajuda a manter a memória da cidade. Aliás, durante as mais de três horas de conversa para a escrita deste texto, a extensa memória de Gonzaga se revela como uma biblioteca. Um volume puxa o seguinte; uma dedicatória devolve um encontro; um autor conduz a Buenos